

Coleção Aventuras Grandiosas

Washington Irving

A LENDA DO CAVALEIRO SEM CABEÇA

Adaptação de Ana Carolina Vieira Rodriguez

1ª edição

 **EDITORA
RIDEEL**

*Todo este relato em
capítulos foi encontrado
entre os documentos
do falecido sr. Diedrech
Knickerbocker.*



Capítulo 1

O PROFESSOR

Perto do rio Hudson há uma pequena vila ou cidadezinha **PORTUÁRIA** chamada Greensburgh. Não muito longe dali, cerca de três ou quatro quilômetros adiante, fica um vale, na verdade uma grande depressão de terra entre morros muito altos, e um dos locais mais silenciosos do mundo.

Um riacho corre através do vale e o barulho suave da água é o bastante para **EMBALAR** o sono de algum viajante que decida relaxar na margem. Este ruído agradável, junto com o canto animado dos pássaros que voam por ali, é a única coisa que perturba o sossego daquele lugar. Se alguém desejar fugir da agitação do dia-a-dia e passar o resto da vida sonhando é certamente para lá que deve se dirigir.

Devido à tranqüilidade **PECULIAR** do lugar e de seus habitantes, todos descendentes dos colonizadores holandeses, a região ficou conhecida como *Vale Adormecido*. Nas cidades vizinhas, os moradores de lá são chamados de *Povo do Vale Adormecido*.

Uma atmosfera de sonhos parece dominar toda aquela área. Alguns dizem que um médico alemão enfeitiçou o vilarejo na época da colonização, outros afirmam que um velho chefe indígena realizava cerimônias religiosas ali antes que o país fosse descoberto por Hendrick Hudson.

O fato é que aquele vale vive sob a influência de alguma coisa mágica, que também domina a mente dos moradores, fazendo-os agir como se vivessem em um sonho constante. Eles acreditam em todo tipo de coisas mirabolantes, entram em **TRANSES** e têm visões, escutam músicas e vozes transportadas pelo ar.

-  **PORTUÁRIA:** relativa ao porto
-  **EMBALAR:** ninar, provocar o sono
-  **PECULIAR:** característica, particular
-  **TRANSES:** crises, momentos em que a consciência está alterada





Toda a região acredita em superstições, lendas e **RECANTOS** encantados. As estrelas cadentes e os meteoros cruzam o vale com mais frequência do que em qualquer outra parte do país e os monstros parecem ter escolhido o vale como o ponto de encontro para suas reuniões.

No entanto, o espírito “chefe” que assombra a região encantada é o de um cavaleiro sem cabeça. Dizem que fez parte das tropas do duque de Hesse e que perdeu a cabeça quando uma bala de canhão o atingiu durante uma batalha. Os camponeses afirmam vê-lo vagando pela noite como se viajasse através do vento. Seus vôos não se limitam ao vale, pois muitos já o viram em localidades próximas, especialmente perto da igreja onde seu corpo está enterrado.

Alguns dos historiadores mais respeitados da região dedicados ao estudo desse **ESPECTRO** afirmam que o soldado sai do cemitério da igreja e voa até o local de sua última batalha em busca da cabeça perdida. Além disso, a velocidade **ESTONTEANTE** com que passa pelo vale durante a noite deve-se ao fato de estar com pressa para voltar à tumba antes dos primeiros raios de sol.

Por toda parte, esse fantasma é conhecido como *Cavaleiro sem Cabeça do Vale Adormecido*. E é incrível como até as pessoas de fora passam a acreditar na existência dele, mesmo sendo gente muito **LÚCIDA** antes de estar ali. Bastam alguns dias vivendo na região para que já se deixem enfeitiçar pelas energias do ar, tornem-se mais criativas e passem a sonhar com aparições.

Gosto de falar sobre esse local tão calmo porque me parece incrível que, nos vales colonizados pelos holandeses e ocultados dentro do vasto estado de Nova York, as pessoas, os costumes e os hábitos se mantenham inalterados, enquanto uma onda **MIGRATÓRIA** cheia de evoluções varre o resto do país e passa por eles sem mover uma palha.

-  **RECANTOS:** lugares agradáveis ou escondidos
-  **ESPECTRO:** fantasma, sombra
-  **ESTONTEANTE:** que causa tontura
-  **LÚCIDA:** que tem clareza e racionalidade
-  **MIGRATÓRIA:** que migra, viaja de um país para outro



Faz muitos anos que andei pelo Vale Adormecido, mas tenho a impressão de que, se eu for até lá hoje, vou encontrar as mesmas árvores e as mesmas famílias vegetando naquele lugar escondido.

Em uma época remota da história americana, por volta de 1800, viveu no Vale Adormecido um homem chamado Ihabod Crane, professor da escola local. Era natural de Connecticut, um estado cheio de aventureiros e pioneiros das florestas, pessoas à frente de seu tempo.

Crane era alto, mas excessivamente magro, com ombros estreitos, pernas e braços muito compridos e mãos que pareciam estar a uns dois quilômetros de distância das mangas da camisa. Ele tinha a cabeça pequena, com orelhas grandes e nariz comprido. Quem olhava para ele tinha a impressão de enxergar um espantalho recém-saído do milharal.

A escola era rústica, tinha um único cômodo feito de toras de madeira. Algumas janelas tinham vidros, outras estavam tapadas com folhas de caderno. A porta se fechava com uma vareta atravessada entre dois pequenos ganchos pregados. Apesar da simplicidade, a escola ficava em um lugar agradável, ao pé de uma pequena colina onde passava um riacho, com um grande **ÁLAMO** ao lado.

Durante o período de aulas, escutavam-se as vozes constantes das crianças, interrompidas de vez em quando por uma mais alta e enérgica, a de Crane, exigindo silêncio e disciplina. Era um professor bastante exigente, porém amigo dos alunos. Ao final de cada dia, ele caminhava com as crianças menores até suas casas.

A escola não dava muito lucro, o dinheiro era insuficiente para Crane comprar comida, então, como era costume na região, o professor passava uma semana na casa de cada aluno que freqüentava as aulas. Ele carregava suas roupas e objetos pessoais em uma pequena trouxa de pano.

Como para muitos dos fazendeiros locais o estudo era algo **SUPÉRFLUO**, Crane se **ESMERAVA** em tentar agradá-los, assim não tiravam seus filhos da

-  **ÁLAMO**: tipo de árvore com flores pequenas e casca rugosa
-  **SUPÉRFLUO**: que não é necessário
-  **ESMERAVA**: esforçava





escola. Ajudava nas tarefas domésticas, cortava lenha e brincava com os bebês, deixando as mães orgulhosas.

Crane também dava aulas de música e era um dos melhores cantores do coral da igreja. O *Povo do Vale Adormecido*, que em geral não entendia nada de trabalhos intelectuais, achava que a vida dele era muito fácil.

Essa opinião era mais comum entre as mulheres, que tinham pelo professor uma grande admiração. Em uma região de fazendeiros como aquela, as mulheres viam no professor um homem de conhecimentos, algo que seus maridos nunca teriam. Para elas, a sabedoria de Crane só era inferior à do padre.

Ele também era admirado por ter lido muitos livros, um em especial, chamado *Histórias de Bruxaria da Nova Inglaterra*, de Cotton Mather. Nos intervalos de suas aulas, Crane sentava-se à beira do riacho que passava perto da escola e lia aquele livro. Sempre fora um homem que acreditava em histórias desse tipo, mas seu gosto pelo fantástico e pelo mágico cresceu depois que se mudou para o Vale Adormecido. Sua imaginação se **AGUÇOU**, assim como seus sentidos.

Quando, à noite, ele tomava o rumo da casa onde deveria dormir naquela semana, Crane escutava os espíritos e fantasmas do livro de Mather. Era tão grande o pavor que sentia, que a única forma de afastar as assombrações era cantar músicas religiosas. Os moradores das casas no caminho estremeciam ao escutar uma voz trêmula e distante ecoando nos morros sob a luz da lua e das estrelas. Era assim quase toda noite.

Capítulo 2

RIVAIS PELO AMOR DE UMA SENHORITA

Uma das alunas de canto de Ichabod Crane chamava-se Katrina Van Tessel, filha de um rico fazendeiro, Baltus Van Tessel. Ela tinha apenas dezoito anos e era dona de uma beleza **SINGULAR**. Usava trajes ao mesmo tempo modernos

 **AGUÇOU:** tornou-se mais intensa, intensificou-se

 **SINGULAR:** única, rara, particular, diferente, extraordinária

e **RECATADOS**, que valorizavam suas formas **AVANTAJADAS**. Seus cabelos loiros e cacheados caíam sobre os delicados ombros, e a pele de seu rosto era corada como a cor de uma fruta madura.

Ichabod Crane, como muitos outros na cidadezinha, encantou-se imediatamente pela moça, principalmente depois de ter conhecido a bela propriedade de seu pai. Era uma área vastíssima de plantações de trigo e milho, muito bem cuidada e **PRÓSPERA**. A casa da família era linda, cercada de árvores frutíferas, pássaros e outros animais silvestres vivendo livremente.

O pobre professor chegava a estremecer de emoção ao enxergar tamanha riqueza. Era muito mais do que ele poderia sonhar na vida. Nessas horas, sua imaginação ia longe. Crane se via ao lado de Katrina e de um monte de filhos, visualizava-se comprando terras para iniciar suas próprias plantações, imaginava-se fazendo viagens ao lado de sua família para conhecer o mundo.

No momento em que Ichabod Crane colocou os olhos sobre tudo isso, foi-se embora sua paz de espírito e todos os seus pensamentos passaram a girar em torno de uma coisa: o que fazer para conquistar a filha única de Baltus Van Tessel? Era preciso pensar em estratégias eficientes que agradassem a uma menina mimada e rica, e que ainda por cima tinha uma **LEGIÃO** de admiradores.

Um dos concorrentes mais fortes do professor chamava-se Brom Van Brunt, um garotão alto e musculoso, com cabelos negros e cacheados. Sua fama de bom cavaleiro corria na região, e ele era também conhecido pelo bom humor e o gosto por brigas. Onde havia festa ou luta, lá estava Brom.

Os moradores tinham por Brom um sentimento **CONTRADITÓRIO**. Se precisavam de ajuda em alguma discussão de vizinhos, iam logo chamando o

- ✎ **RECATADOS**: castos, discretos, pudicos
- ✎ **AVANTAJADAS**: salientes, volumosas, corpulentas
- ✎ **PRÓSPERA**: rica
- ✎ **LEGIÃO**: multidão
- ✎ **CONTRADITÓRIO**: oposto, incoerente





rapaz, mas se havia **BADERNA**, briga e destruição, sempre tinha alguém para dizer: “A culpa é de Brom Van Brunt”!

O fato é que Brom deixou claro a todos que tinha interesse pela bela Katrina Van Tessel, e sempre que seu cavalo estava diante da casa da moça, sinal de que ele estava lhe **FAZENDO A CORTE**, todos os outros pretendentes desapareciam, com medo de alguma **REPRESÁLIA** do garoto.

Brom era um rival forte, mas Crane não desistiu fácil de suas intenções. Como professor de canto de Katrina, ele podia freqüentar a casa sem levantar suspeita. Chegava a qualquer hora com o pretexto de que ela tinha que estudar mais e caminhava com a aluna pelos jardins e recantos daquela bela propriedade.

Entre uma música e outra, os dois sentavam-se na grama, perto do riacho que cortava a fazenda, e conversavam sobre diversos assuntos: livros, compositores, sobre a natureza e as belas coisas da vida. Muitas vezes ficavam assim até tarde, quando a luz da lua já os iluminava.

Baltus Van Tessel e sua esposa estavam sempre muito ocupados cuidando da casa e dos empregados, de modo que nunca se preocupavam muito com Katrina. Ela era uma boa moça e o professor um homem confiável. Sendo assim, os dois tinham tempo de sobra e muita tranquilidade para conversar.

Brom passou a perder terreno com sua amada. Já não se via o cavalo dele na frente da casa aos domingos e sempre que ia visitar Katrina recebia o mesmo recado da criada:

— Ela está tendo aulas de canto com o sr. Crane.

Aos poucos, foi crescendo um ódio mortal entre Brom Brunt e o professor do Vale Adormecido. Brom, com sua força e valentia, tentou provocar seu adversário. Certa noite, invadiu a escola junto com um bando de amigos e jogou todas as carteiras dos alunos no chão, espalhou-as e atirou-as pelos cantos.

-  **BADERNA:** desordem, confusão
-  **FAZENDO A CORTE:** tentando conquistar o amor de alguém
-  **REPRESÁLIA:** vingança, retaliação

Crane sabia quem tinha feito aquilo, mas achou melhor não revidar. Apenas arrumou as coisas e ignorou o ataque. Ele era fisicamente mais fraco, mas muito superior de intelecto. Se não desse motivos para brigar, Brom não teria o que fazer.

O rapagão ainda tentou mandar recados ameaçadores e bilhetes **DESAFORADOS**, mas Crane fingia que nada estava acontecendo e continuava a freqüentar a residência dos Van Tessel. Desanimado, Brom disse aos seus amigos:

— Preciso pensar em outra maneira de acabar com esse professor. Katrina tem que ser minha!

Mas o tempo passou e as coisas seguiram assim, nenhum dos dois enfrentava o outro de frente. Certa tarde, durante a aula, um mensageiro entrou na escola e disse:

— Um bilhete para o professor.

Ele foi logo abrindo o envelope, que dizia:

“Caro senhor Ichabod Crane.

Temos o prazer de convidá-lo para uma festa em nossa casa hoje à noite.

Atenciosamente,

Senhor e Senhora Van Tessel”

Crane tratou de apressar os alunos para que terminassem a lição do dia e mandou-os para casa mais cedo, depois fechou a escola e correu para a fazenda de Hans Van Ripper, onde estava hospedado naquela semana. Tomou um banho, vestiu-se com sua melhor roupa e perguntou a Van Ripper:

— Posso lhe pedir uma coisa?

— Diga, professor, o que deseja? — falou o dono da casa.

— O senhor me emprestaria um cavalo?

Hans Van Ripper gostava muito de cavalos e tinha vários deles. Os animais eram extremamente bem cuidados, comiam bem, exercitavam-se em horários determinados e brincavam entre si nos campos da fazenda, pois os cavalos

 **DESAFORADOS:** atrevidos, inconvenientes





gostam de se divertir tanto quanto os homens. Era bonito de enxergar os bichos deitados de barriga para cima esfregando as costas na grama em sinal de alegria ou galopando com suas crinas ao vento nas manhãs ensolaradas.

— Vou entregar meu cavalo mais querido. Ele costumava correr muito quando jovem, mas agora é mais calmo e vai levá-lo em segurança onde quer que o senhor queira ir — disse Van Ripper.

Dito isso, o fazendeiro trouxe um belo cavalo negro para o professor.

— O nome dele é Pólvora, pois era rápido como uma bala. Hoje só tem um olho, perdeu a visão do outro quando esbarrou sem querer em um galho pontiagudo, mas ainda enxerga muito bem com um só e se guia bem por ele — explicou Van Ripper, ajudando Crane a montar.

De fato, Pólvora levou-o direitinho até a casa dos Van Tessel. O trajeto foi feito devagar, no fim da tarde, quando os morros estavam iluminados pela cor dourada do pôr-do-sol. No caminho, enquanto vislumbrava os lindos campos de milho e sentia o cheiro agradável das folhagens balançando com o vento, Crane ia pensando na doce Katrina, em suas mãos delicadas, seus lábios grossos e olhos amendoados.

Muitos fazendeiros da região estavam presentes na festa, junto com suas esposas e filhos. Brom Brunt também estava lá e fora com seu cavalo mais forte, jovem e rápido, um belo animal também de cor negra.

O jantar foi servido no salão principal da residência, comidas deliciosas com molhos cheirosos de sabor **INDESCRITÍVEL**. Crane sentou-se à mesa e, enquanto se fartava de tantas maravilhas, pensava: “Um dia tudo isso será meu e ainda vou rir do pobre Van Ripper e de seu cavalo velho de um olho só”.

Quando chegaram as sobremesas, Crane quase não tinha mais espaço no estômago, mas provou cada uma delas com gosto, e continuou a pensar: “No dia em que tudo isso for meu, não irei convidar o pobre professorzinho da cidade para jantar comigo. Só terei convidados importantes”.

Depois da refeição, o dono da festa anunciou:

 **INDESCRITÍVEL:** que não se pode descrever, extraordinário, espantoso

— Os músicos já estão tocando no salão ao lado. O baile vai começar!

Brom fechou a cara, pois não sabia coordenar os passos de dança e não tinha coragem de tirar sua amada para dançar. Já Crane abriu um grande sorriso e puxou Katrina pela mão, dizendo:

— A senhorita me concede esta dança?

Katrina e seu professor de canto cruzaram o salão a noite toda, dançaram vários ritmos e fizeram sucesso entre os convidados.

— Eu não sabia que Ichabod Crane tinha tantos talentos — diziam as esposas dos fazendeiros, com inveja da bela Katrina Van Tessel.

— Ah! Como seria bom se meu marido dançasse assim — resmungavam.

Durante todas as músicas, Crane olhava para sua amada de um jeito especial e lhe fazia elogios, esperando assim conquistar seu coração.

Capítulo 3

HISTÓRIAS DE TERROR

Depois do baile, os convidados foram chamados para sentar do lado de fora, na enorme varanda, que estava arrumada com sofás, almofadas e poltronas. Em círculo, as pessoas começaram a contar histórias. Naquela época, isso era uma coisa que todos adoravam fazer. As crônicas de guerra eram as preferidas. Cada um tinha um herói a **ENALTECER**, alguém da família que morrera lutando ou **DUELANDO**.

As histórias de fantasmas também faziam grande sucesso. Como eu já disse, a imaginação e a capacidade de fantasiar do *Povo do Vale Adormecido* eram dignas de ser estudadas. O assunto mais interessante, o que prendia mais a atenção dos convidados, era o Cavaleiro sem Cabeça.

 **ENALTECER:** exaltar, engrandecer

 **DUELANDO:** lutando em duelo





— Eu escuto o Cavaleiro sem Cabeça toda noite — disse um homem.
 — É verdade, ele coloca seu cavalo no terreno da igreja toda noite — afirmou outro.

Um senhor de nome Brouwer começou a falar:

— Uma vez me vi frente a frente com ele.

— Ohhhhh! — exclamaram todos.

— Eu estava voltando de uma cavalgada pelo Vale Adormecido e comecei a escutar sons estranhos atrás de mim — continuou o velho Brouwer.

— E o que o senhor fez? — perguntou um jovem fazendeiro.

— Quando me virei, vi aquela figura esquisita, um corpo de homem usando armadura, mas sem cabeça, montado em um belo cavalo.

— Ele... ele disse alguma coisa? — gaguejou uma mulher.

— Nem poderia, já que não tem face, nem boca, mas parece ter me enfeitiçado — declarou Brouwer.

— Como assim? — assustou-se a mulher.

— Mesmo contra a minha vontade, segui-o com meu cavalo mata adentro. Era como se não tivesse escolha, eu tinha que ir atrás dele. Cruzamos as plantações, a **PRADARIA**, entramos na floresta, subimos e descemos colinas até que chegamos à ponte perto da igreja. Foi lá que aconteceu o pior...

— Deus do céu, o que houve? — perguntou outra mulher, muito aflita.

— Diante dos meus olhos, o Cavaleiro sem Cabeça se transformou em um esqueleto, que com suas mãos cheias de ossos aparentes me empurrou para dentro do riacho sob a ponte e desapareceu voando acima das copas das árvores — concluiu o velho.

A audiência ainda estava **BOQUIABERTA**, quando o jovem e corajoso Brom Brunt falou:

— Tenho uma história melhor!

Todos se voltaram para ele, que deu início ao seu relato:

 **PRADARIA:** extensa planície

 **BOQUIABERTA:** com a boca aberta, surpresa, admirada



— Eu estava voltando para o Vale Adormecido certa noite, quando o Cavaleiro sem Cabeça apareceu bem atrás de mim.

Os olhos dos convidados estavam fixos em Brom, que continuou:

— Foi então que me virei para ele e disse: “Quero ver quem é melhor, você ou eu. Vamos apostar uma corrida a cavalo”, propus.

— Ele aceitou? — perguntou o senhor Van Tessel, surpreso.

— É claro que sim. Saí bem na frente cavalgando a toda velocidade. A noite estava clara, mas um pouco fria. A luz da lua nos iluminava e eu podia ver sua sombra vários metros atrás de mim.

— E quem ganhou? — questionou o dono da casa.

— Não sei, pois assim que cruzamos a ponte da igreja, escutei um barulho forte de trovão e o Cavaleiro sem Cabeça desapareceu em uma nuvem de fogo — disse Brom.

Todos esses relatos eram contados em baixo tom de voz, como deve ser quando se trata de algum assunto **OBSCURO**. Os ouvintes se impressionaram muito, inclusive Crane, que deu o troco em Brom contando histórias de seu livro preferido, o de Cotton Mather. As descrições e aventuras foram **INCREMENTADAS** por contos que ouvira em seu estado natal, Connecticut, quando ainda era criança, e pelas visões terríveis que vinha observando em suas caminhadas noturnas pelo Vale Adormecido depois de fechar a escola.

Estava ficando tarde. Os fazendeiros, suas esposas e filhos começaram a se despedir para ir embora. O silêncio no vale era tão grande, que durante um tempo ainda se escutava os passos das pessoas e o trote dos cavalos ecoando nas montanhas, até que tudo voltou à tranquilidade de sempre.

Ichabod Crane decidira ficar mais um pouco. “Esta é a minha chance de falar com Katrina. Vou pedi-la em casamento hoje mesmo”, pensou. Então, quando não havia mais nenhum convidado e os Van Tessel já tinham ido dormir, Crane chamou sua amada para uma conversa.

 **OBSCURO**: tenebroso, sombrio

 **INCREMENTADAS**: melhoradas, aumentadas





— Podemos dar uma volta no jardim? — perguntou ele à jovem.

— Está tarde — disse ela.

— Prometo que serei rápido, mas preciso lhe dizer uma coisa — falou o professor.

— Está bem — concordou Katrina.

Não sei o que se passou entre eles, mas o fato é que Ichabod Crane saiu da festa sozinho e arrasado, montou em Pólvora e foi em direção à casa de Hans Van Ripper. Ele ia **CABISBAIXO**, quase chorando, pela trilha silenciosa e escura. Escutou um latido de cachorro muito distante e depois o canto de algum galo que despertava mais cedo que de costume.

Todas as cenas das histórias que tinham contado na casa dos Van Tessel estavam agora em sua mente. Os espíritos lhe assombravam e ele parecia escutar sons de fantasmas passando rapidamente por ele. Para piorar, ele estava no mesmo cenário dos contos que escutara, no exato local das histórias de terror.

De repente, Crane parou e olhou em volta. Lá estava, em sua frente, uma enorme árvore de tronco grosso e retorcido, com a casca enrugada e preta, cujos galhos faziam um caminho torto pelo ar e aterrissavam no chão, perto da raiz **SALIENTE**.

— Isto não é bom sinal — disse o professor em voz alta.

Ele já tinha ouvido muita coisa sobre aquela árvore, conhecida por “Árvore do Major André”, um pobre homem que fora mantido prisioneiro bem ali e desapareceu depois de um tempo. Muitos acreditavam que a própria planta o engolira.

Depois que isso aconteceu, anos antes, todos que cruzavam aquele caminho, principalmente à noite, tinham visões e escutavam choros e **LAMENTAÇÃO** muito altos. Crane sabia disso, por isso começou a tremer.

- 📌 **CABISBAIXO:** de cabeça baixa, abatido, humilhado
- 📌 **SALIENTE:** que sobressai
- 📌 **LAMENTAÇÃO:** lamento, queixa acompanhada de gemidos e choros



Capítulo 4

A PERSEGUIÇÃO

Quando Ichabod Crane se aproximou da árvore, ele começou a assobiar, em uma tentativa de distrair sua atenção. Na mesma hora, ele achou que o assobio fora respondido, mas logo notou que não passava de um vento cortante atravessando os galhos secos.

Olhando de perto a árvore, viu alguma coisa branca no tronco. Ele parou de assobiar e tocou nela com muito cuidado, percebendo que um raio a atingira, deixando exposta a madeira branca.

De repente, ele ouviu um gemido. Seus dentes bateram uns nos outros e seus joelhos enfraqueceram, mas ele logo notou que se tratava do som dos galhos se chocando com a brisa. Crane passou pela grande árvore em segurança, mas novos perigos esperavam por ele adiante.

Uns poucos metros à frente havia um pequeno riacho, que ia dar em uma região **PANTANOSA**. Sobre ele, algumas toras de madeira dispostas lado a lado serviam de ponte. Embaixo da pequena ponte improvisada, junto com a corrente d'água, crescia uma vegetação tão densa, com galhos retorcidos e folhas grossas, que seu aspecto causava arrepios. Era uma visão **CAVERNOSA**!

Passar pela ponte era uma prova de fogo! Fora ali a batalha onde morrera o Major André, e aquela vegetação era o lugar onde seus assassinos tinham se escondido para surpreendê-lo. Desde então, aquele riacho era considerado uma espécie de local enfeitado. Pobre de quem tinha que cruzá-lo depois do pôr-do-sol!

O coração do professor batia acelerado. Ele tentou levar Pólvora sobre a ponte, mas o animal **HESITOU**. Aquilo deixou Crane nervoso. “O que vou fazer? Preciso chegar do outro lado”, pensou.

- ✎ **PANTANOSA**: área que tem pântano (terrenos inundados)
- ✎ **CAVERNOSA**: obscura, aterrorizante, escura
- ✎ **HESITOU**: vacilou, ficou indeciso





— Pólvora, você precisa me ajudar — disse ele baixinho. — Vamos, vamos depressa. Logo chegaremos em casa e lhe darei um prato de aveia — prometeu.

Crane soltou as rédeas, mas Pólvora não queria saber de seguir adiante. O professor foi ficando furioso e disse:

— Se não quer cruzar a ponte, terá que molhar as patas. Vamos pela água mesmo! — gritou.

Pólvora andou alguns passos, mas **EMPACOU** de repente, quase derrubando Crane para a frente. Nesta hora, o professor escutou um ruído estranho do outro lado do rio. Era como se alguém pisasse em folhas secas.

— Quem está aí? — perguntou, sem obter resposta.

Seu peito pulava de **PALPITAÇÃO**.

— Seja quem for, saia e mostre a cara! — pediu o professor, mas ninguém disse nada.

Crane ainda tentou fazer Pólvora andar, mas o cavalo não estava disposto a encontrar aquela coisa do outro lado. O animal também sentia algo ruim, Crane sabia disso.

Alguns poucos segundos se passaram e o professor viu um vulto escuro entre as árvores. Ele não se mexia, não era possível identificar o rosto, mas o tal monstro estava lá, parado, olhando fixamente para ele.

Um **TURBILHÃO** de idéias cruzou a mente de Crane. “O que devo fazer? É tarde demais para voltar. E se eu voltar, esta coisa vai atrás de mim. Disso tenho certeza!”, refletiu, enquanto o som de sua respiração alta invadia todo o ar. Foi então que Ichabod Crane largou as rédeas de Pólvora, fechou os olhos e começou a cantar um **SALMO** com todo o **FERVOR**.

- 📖 **EMPACOU:** parou, firmou as patas no chão
- 📖 **PALPITAÇÃO:** batimento do coração
- 📖 **TURBILHÃO:** redemoinho, revolução. No caso, uma abundância de idéias
- 📖 **SALMO:** poema religioso
- 📖 **FERVOR:** energia, paixão, força



Parecia que aquela coisa fora afetada pela música e só estava esperando por isso para se mostrar. Quando Crane abriu os olhos, lá estava ele, um sujeito enorme coberto por um pano escuro e montado em um cavalo preto também de grandes **PROPORÇÕES**. Era uma visão horrorosa, ainda pior entre as sombras da noite, que não deixavam ver aquela figura com precisão!

Nos primeiros momentos, Crane ficou paralisado, depois puxou as rédeas de Pólvora e o fez voltar à pequena estrada de onde viera, fingindo não ter se afetado pela aparição. Ele se lembrou da história contada por Brom Brunt sobre a corrida que apostou com o Cavaleiro sem Cabeça e pensou: “Vou acelerar o galope, assim esta coisa ficará para trás”.

— Vamos, Pólvora, vamos! — disse baixinho no ouvido do cavalo, aumentando a velocidade.

Mas logo a tal figura estava cavalgando ao seu lado, com a diferença que seu cavalo parecia não sentir a rapidez. Pólvora, mais velho, esforçava-se para correr, mas o **IMPONENTE** cavalo preto, jovem e musculoso, corria como se estivesse apenas **TROTANDO**.

O professor tentou cantar ou rezar, mas a voz não saía de sua boca seca. Havia algo de opressor e misterioso naquele monstro que andava ao seu lado.

Depois de alguns minutos, a floresta ficou para trás e eles chegaram a um campo aberto, iluminado pela luz da lua. Foi então que Crane constatou que o cavaleiro que o acompanhava não tinha cabeça! Estava explicado o mal-estar que sentia. Era ele, o Cavaleiro sem Cabeça!

O horror tomou conta de Crane quando ele viu a cabeça, que deveria estar sobre os ombros do sujeito, encaixada na sela de seu cavalo, na frente do seu corpo. O medo chegou ao desespero e o professor fez Pólvora correr em disparada. Ele conduzia o cavalo pelo campo e gritava com toda a força:

— Corra, Pólvora, corra!

-  **PROPORÇÕES:** dimensões, extensões
-  **IMPONENTE:** majestoso, que causa admiração
-  **TROTANDO:** cavalgando





O pobre animal, velho e cansado, voltou aos tempos de juventude, retomando o fogo que o impulsionava a correr por aquela região encantada.

— Isso mesmo, amigo, isso mesmo! — estimulava o professor.

Mas sua alegria durou pouco, ao perceber que o Cavaleiro sem Cabeça voltara a cavalgar ao lado de Pólvora com a maior facilidade do mundo.

A estrada que seguia para a casa de Hans Van Ripper ficava à esquerda, mas Pólvora, inexplicavelmente, visto que conhecia aqueles montes desde pequeno, deu uma **GUINADA** e fez a volta, indo para a direita. Em seguida o cavalo tomou o mesmo caminho que levava à ponte do Vale Adormecido, onde o senhor Brouwer fora jogado na água pelo Cavaleiro sem Cabeça.

— Não por aí, Pólvora! — pediu o professor.

Mas era tarde demais, e logo eles estavam no rumo da igreja e do cemitério onde o Cavaleiro sem Cabeça estava enterrado. Ao cruzar uma colina, algo **INUSITADO** aconteceu. Pólvora movimentou o tronco de tal forma, que fez com que Crane se desequilibrasse e soltasse as rédeas por um momento. A sela, que devia estar se soltando em razão de tanta velocidade, caiu e o professor precisou se agarrar com força ao pêlo do animal para não se espatifar no chão.

Crane olhou para trás e viu o cavalo preto de seu perseguidor pisotear a sela. “Aj, meu Deus! Hans Van Ripper vai ficar furioso!”, pensou, mas logo precisou se agarrar a Pólvora com mais cuidado, uma vez que o cavalo disparava sozinho pelos morros.

— Não há tempo para pensar nisso, preciso salvar minha vida! — disse para si mesmo, concentrando-se na fuga do Cavaleiro sem Cabeça.

Ichabod Crane e Pólvora desceram e subiram colinas. O professor já não escutava os passos do cavalo negro atrás de si. E, de fato, ele não estava mais em seu **ENCALÇO**.

— Será que escapamos, Pólvora? — perguntou o professor ao cavalo.

O animal diminuiu um pouco o ritmo e Crane refletiu em voz alta:

-  **GUINADA:** virada, desviada
-  **INUSITADO:** estranho, incomum
-  **ENCALÇO:** pista, rasto

— Talvez ele tenha ficado para trás. Talvez eu me salve, assim como Brom se salvou.

Logo ele avistou o muro branco da igreja através das árvores e se lembrou de que fora lá o local onde o Cavaleiro sem Cabeça sumiu diante de Brom Brunt. Crane ainda conseguia escutar as palavras exatas do rapaz: *“assim que cruzamos a ponte da igreja, escutei um barulho forte de trovão e o Cavaleiro sem Cabeça desapareceu em uma nuvem de fogo”*.

O professor olhou para a ponte e pensou: “Talvez aconteça o mesmo. O monstro vai aparecer e depois sumir atrás da ponte. Estarei a salvo, então”.

— Vamos até a ponte, Pólvora — pediu ele ao cavalo, que o obedeceu.

Crane e Pólvora cruzaram a ponte e viraram para ver o que tinham deixado para trás. Lá estava ele, o Cavaleiro sem Cabeça! Cada cavalo de um lado da ponte, o professor olhando de frente para aquela figura aterrorizante.

— Vá embora! — gritou Crane.

O Cavaleiro avançou lentamente sobre a ponte em direção ao professor.

— Volte para o cemitério! Seu lugar é lá! — continuou o pobre homem.

O Cavaleiro agora estava no meio da ponte e, em um gesto rápido, pegou a cabeça que estava em sua frente, encaixada na sela de seu poderoso cavalo.

— O que é isso? Sua cabeça? O que vai fazer? — berrou Crane, apavorado.

O espectro atirou com violência sua cabeça contra Ichabod Crane, atingindo-o em cheio no meio da testa e fazendo-o cair ao chão. Um barulho seco se fez no crânio do professor. Pólvora saiu correndo sozinho, livre enfim daquele peso desajeitado sobre seu lombo. O cavalo negro **RELINCHOU** e partiu também, cruzando os campos e levando consigo o homem de capa escura que o comandava.

 **RELINCHOU:** soltou rinchos, sons típicos dos cavalos



Capítulo 5

ABDUZIDO!

Na manhã seguinte, Pólvora foi encontrado pastando tranqüilamente na fazenda de seu dono, porém sem a sela.

— O que terá acontecido? — perguntou-se Hans Van Ripper.

A família, como de costume, esperou o professor para o café da manhã, mas ele não apareceu.

— Estranho, o sr. Crane adora meus bolos e pães — disse a sra. Van Ripper.

— Talvez tenha comido demais ontem e não quis fazer a refeição logo cedo — sugeriu o marido.

— É, pode ser, mas isso é muito esquisito — repetiu a mulher.

As crianças do Vale Adormecido se arrumaram, pegaram os cadernos e seguiram para a escola. Encontraram a porta fechada, mas sabiam que era fácil abri-la, por isso trataram de entrar e esperar o professor em seus lugares. Algumas abriram também as janelas e varreram o chão. Os alunos esperaram, esperaram e nada do sr. Crane. Um deles disse:

— Vamos até o riacho. Daqui a pouco ele deve chegar.

— Boa idéia! Está um dia tão bonito... — falou outro.

Então todos os alunos resolveram tirar os sapatos e molhar os pés na água enquanto aguardavam o professor, que não apareceu. Quando os filhos de Van Ripper chegaram em casa dizendo que não tinham tido aula, o fazendeiro começou a se preocupar.

— Onde está o sr. Crane? E a sela de Pólvora, o que foi feito dela? — perguntou à esposa.

— Acho melhor você sair para investigar o que houve — sugeriu a mulher.

— Você está certa — concordou ele, indo em direção ao vilarejo.

 **ABDUZIDO:** levado com violência, raptado





No caminho, começou a descobrir algumas coisas importantes. Em primeiro lugar, achou a sela de Pólvora na estrada que ia para a igreja, mas estava totalmente destruída.

— Puxa, era minha melhor sela! — reclamou o fazendeiro, desanimado.

Van Ripper também observou que havia pegadas profundas de cavalo no chão, o que indicava que os animais tinham corrido, não apenas trotado.

— Nossa, devem ter ido a uma velocidade fantástica! E não era um cavalo só, há muitas marcas. Pelo menos dois cavalos correram aqui — afirmou ele, em voz alta.

As pegadas seguiam até o **CÓRREGO**. Van Ripper atravessou a ponte e encontrou, caídos no chão, perto da água, o chapéu do pobre Ichabod Crane e uma abóbora despedaçada. Muito preocupado, ele andou por toda a margem do riacho, mas não encontrou o corpo do professor.

O fazendeiro resolveu voltar para casa e olhar os objetos de Crane, guardados com todo o cuidado na gaveta do quarto que lhe havia sido emprestado. Eram duas camisas, duas gravatas, uma calça de pijama e outra para trabalhar, umas duas **MUDAS DE ROUPA** velha, que provavelmente não serviam mais, uma navalha cega para fazer a barba, um livro de salmos cheio de orelhas dobradas nas páginas e um apito velho que ele usava nas aulas de música.

Havia também o livro de Cotton Mather, *Histórias de bruxaria da Nova Inglaterra*, um *Almanaque da Nova Inglaterra* e um livro de sonhos e leitura do futuro, onde foi encontrada, em um papel todo amassado e rabiscado, uma clara tentativa da escrita de um poema para a herdeira dos Van Tessel.

Todos esses livros, assim como o rascunho do poema, foram queimados em uma fogueira por Hans Van Ripper, que decidiu não mandar mais seus filhos à escola a partir daquela data.

— Nunca achei que saber ler e escrever pudesse fazer bem a alguém — disse ele à esposa.

 **CÓRREGO:** riacho

 **MUDAS DE ROUPA:** trajes completos





A mulher não concordava com a afirmação, mas achou melhor se calar. Perguntou apenas:

— Não achou dinheiro nas coisas dele?

— Não. Ele recebeu o pagamento do mês faz uns dois dias. O dinheiro devia estar com ele no momento em que desapareceu — concluiu o fazendeiro.

A história se espalhou no vilarejo. Os moradores ficaram **INTRIGADOS**, impressionados, alguns com medo e até pavor. Houve muita **ESPECULAÇÃO** a respeito dos fatos na saída da igreja, no cemitério, sobre a ponte e no local perto do riacho onde foram encontrados o chapéu e os destroços da abóbora. As histórias de Brouwer e de Brom Brunt foram lembradas inúmeras vezes pela vizinhança, assim como muitas outras.

Depois de escutar os relatos atentamente e de compará-los com os fatos ocorridos, chegou-se a uma única conclusão: “Ichabod Crane, respeitável professor do Vale Adormecido, tinha sido levado pelo Cavaleiro sem Cabeça”.

Como ele era solteiro e não devia dinheiro a ninguém, aos poucos foi sendo esquecido. As pessoas não se preocupavam mais com ele. A escola foi transferida para um outro local do Vale e um novo **PEDAGOGO** assumiu o posto de Crane.

Anos depois, um velho fazendeiro que foi a Nova York e, através de quem se conhece esta história, voltou com a seguinte notícia:

— Ichabod Crane está vivo!

— O que houve com ele? Por que foi embora daqui? — quiseram saber os moradores do Vale Adormecido.

— Ele partiu porque teve medo do Cavaleiro sem Cabeça, de Hans Van

 **INTRIGADOS:** curiosos, preocupados

 **ESPECULAÇÃO:** investigação, exploração sem evidências concretas

 **PEDAGOGO:** professor, mestre, pessoa que aplica a pedagogia

Ripper, por ter estragado sua sela e, principalmente, porque ficou muito triste quando Katrina Van Tessel recusou seu pedido de casamento — explicou o velho fazendeiro.

— E o que ele tem feito? Ainda é professor? — **INDAGOU** a esposa de um fazendeiro que sempre tivera muita admiração por Crane.

— Depois que partiu, ele foi morar em outra parte do país, em um lugar bem longe daqui. Lá continuou a dar aulas, mas ao mesmo tempo começou a estudar Direito. Quando conseguiu seu diploma de advogado, dedicou-se à política e escreveu artigos para um jornal, até que finalmente virou juiz.

Brom Brunt se casou com Katrina Van Tessel logo depois do desaparecimento de Ichabod Crane. Alguns observaram que ele soltava gargalhadas sempre que escutava as histórias da abóbora despedaçada ao lado do chapéu do professor. Isso fazia com que muitos acreditassem que Brom sabia mais coisas sobre aquela noite do que queria contar.

As velhas esposas dos fazendeiros daquela região, no entanto, que na verdade são as melhores juízas desses assuntos, afirmam até hoje que Ichabod Crane foi abduzido por seres sobrenaturais, e essa é a história favorita contada pelos moradores em noites de inverno, quando todos se reúnem em volta da lareira.

A ponte se tornou um local de superstição máxima, terreno encantado e enfeitado. Com isso, o caminho até a igreja e o cemitério foi modificado, de modo que não é mais preciso cruzá-la para assistir ao culto.

Como a escola quase não era mais utilizada, a cidadezinha dispensou o professor e o prédio acabou virando ruína. Diziam que ali vivia o fantasma do pedagogo levado pelo Cavaleiro sem Cabeça. Muitos meninos fazendeiros, voltando à noite para suas casas depois de um dia cansativo na lavoura, ao passar por ali tinham escutado a voz de Ichabod Crane cantando salmos **MELANCÓLICOS**, que ecoavam na tranquilidade solitária do Vale Adormecido.

-  **INDAGOU:** perguntou, questionou
-  **MELANCÓLICOS:** tristes



POSFÁCIO

Reproduzi o conto acima quase exatamente da maneira como me foi contado, durante uma reunião municipal da nobre cidade de Manhattan, da qual participaram vários membros da **BURGUESIA**.

O homem que me contou a história era um senhor agradável, de roupa **PUÍDA** e aspecto senhorial, cujo rosto tinha uma expressão às vezes triste, às vezes **ZOMBADORA**. Suspeito que era pobre, pois fazia um esforço enorme para parecer simpático em meio àquela gente rica que se reunia.

Quando terminou de falar, todos os presentes deram risada, em especial ouviu-se uma sonora gargalhada vinda de dois ou três conselheiros municipais que tinham dormido durante a maior parte do relato.

Entre nós também havia um senhor de idade, muito magro, de sobrancelhas grossas, que, enquanto escutava a história, ficou sério, com olhar **COMPENETRADO**. Cruzava os braços, inclinava a cabeça e olhava para o chão, como se refletisse sobre alguma dúvida. Era um daqueles homens **PRECAVIDOS** que nunca davam risada, a menos quando tinham razão ou a lei a seu lado.

Assim que se estabeleceu o silêncio, depois das gargalhadas dos presentes, ele apoiou os braços na cadeira e perguntou, fazendo um leve, porém sábio movimento com a cabeça, contraindo ao mesmo tempo as sobrancelhas:

— Qual é a moral da história? O que ela pretende demonstrar?

O narrador do relato, que no momento levava uma taça de vinho à boca, em uma tentativa de se refrescar depois de ter cumprido sua tarefa, olhou para

-  **BURGUESIA:** classe social caracterizada por pessoas ricas, não intelectuais, com apego a bens materiais e a tradições
-  **PUÍDA:** desgastada
-  **ZOMBADORA:** irônica, maliciosa
-  **COMPENETRADO:** convencido em seu íntimo
-  **PRECAVIDOS:** cuidadosos



o senhor com **POLIDEZ**, colocou lentamente a taça de volta sobre a mesa e respondeu:

— A história pretende mostrar, da maneira mais lógica possível, algumas coisas.

— Quais? — insistiu aquele senhor, também com uma educação **IMPECÁVEL**.

— Primeiro que não existe nenhuma situação na vida que não apresente suas vantagens ou alegrias, desde que estejamos dispostos a suportar uma brincadeira.

O senhor ficou parado, esperando mais explicações. O narrador continuou:

— Conseqüentemente, alguém que se propõe a apostar corrida com um fantasma deve sair bastante prejudicado dessa **EMPREITADA**.

— É provável — disse o senhor.

— Por último, o conto pretende demonstrar que é uma grande sorte para um professor ser recusado pela herdeira de um fazendeiro holandês, assim abrem-se portas para atividades mais **GRANDIOSAS**.

O senhor mexeu as sobrancelhas umas dez vezes antes de responder à explicação apresentada. Parecia notar que o narrador olhava para ele com um aspecto de **TRIUNFO**. Por fim, disse:

— Está bem. Mas a história do tal Cavaleiro sem Cabeça me parece bastante extravagante, e há um ou dois pontos que me deixam intrigados. Tenho minhas dúvidas.

A resposta do narrador foi a seguinte:

— Palavra de honra que eu mesmo não acredito nem na metade do que contei.

D.K.

-  **POLIDEZ**: educação
-  **IMPECÁVEL**: perfeito, sem falhas
-  **EMPREITADA**: tarefa
-  **GRANDIOSAS**: nobres, elevadas
-  **TRIUNFO**: vitória, êxito



ROTEIRO DE LEITURA

- 1) Como era o Vale Adormecido? Por que era chamado assim? Escreva uma descrição do lugar usando suas próprias palavras, depois faça um desenho do vale usando lápis de cor, giz de cera, tinta ou o que mais você quiser. Se precisar, peça ajuda de seu professor de artes para essa tarefa e exponha os trabalhos nas paredes da escola.
- 2) O que acontecia com as pessoas que moravam no Vale Adormecido ou que simplesmente passavam um tempo lá? Você já sentiu algo parecido em algum lugar que visitou? Se sim, conte sua experiência para a classe.
- 3) Quem era Ichabod Crane? Quais eram suas características físicas e como era sua personalidade? Na sua opinião, ele era um homem agradável? Justifique sua resposta com passagens do texto.
- 4) A superstição tem um papel importante nesta história. De que maneira ela influencia os personagens? Você acredita em superstições?
- 5) O livro *As aventuras de Huckleberry Finn*, de Mark Twain, que faz parte da Coleção Aventuras Grandiosas da Editora Rideel, também envolve **superstição**. Leia esse livro, cujo autor é norte-americano como Washington Irving, e faça uma comparação entre ele e *A lenda do Cavaleiro sem Cabeça* em relação a esse tema. Peça a ajuda de seu professor de Português para fazer um estudo comparativo entre os dois livros. Quem são os personagens supersticiosos nas duas histórias? De que maneira os enredos são influenciados pela superstição? Quais as diferenças e semelhanças do papel da superstição nos livros?
- 6) Na sua opinião, Ichabod Crane gostava de Katrina Van Tessel? Use passagens do capítulo dois do livro para responder a esta pergunta e discuta sua opinião com os colegas.
- 7) Quem era o rival de Ichabod Crane na disputa pelo coração da herdeira de Baltus Van Tessel? Como ele era? Na sua opinião, quem era o melhor pretendente para Katrina Van Tessel? Por quê? Que estratégias foram usadas pelos dois pretendentes para tirar o outro do caminho e para conquistar a jovem?
- 8) Como foi a festa na casa dos Van Tessel? Quem estava presente? O que havia para fazer e comer? Por que as esposas dos fazendeiros tiveram inveja de Katrina Van Tessel?



- 9) O que Ichabod Crane sentiu diante de uma mesa farta e uma casa elegante como a dos Van Tessel? O que ele pretendia fazer caso se casasse com a herdeira?
- 10) Hans Van Ripper foi muito gentil com o professor ao emprestar o cavalo Pólvora para ele ir à festa. Qual era a opinião de Ichabod Crane em relação a Van Ripper e Pólvora, no entanto?
- 11) O fazendeiro Van Ripper gostava muito de cavalos e cuidava deles muito bem. Você gosta de cavalos? Há muitos deles na sua cidade? O que eles fazem? Cavalos são animais fortes, mas que, na natureza (ou seja, cavalos selvagens), só se exercitam durante quatro horas por dia no máximo. Hoje em dia, muitos desses animais são escravizados por seres humanos, que os obrigam a trabalhar puxando carroças, por exemplo, ou carregando turistas, por mais de dez, onze horas diárias. Algumas cidades têm leis que proíbem os carroceiros de explorar os animais dessa forma. Pesquise na Internet sobre isso e descubra: que cidades no Brasil possuem leis municipais que defendem os cavalos? O que dizem as leis? Você concorda com elas?
- 12) Como você acha que foi a conversa entre Ichabod Crane e Katrina Van Tessel? Com a ajuda de um colega (em dupla), escreva um diálogo entre eles e mostre por que o professor saiu da festa tão triste e arrasado.
- 13) Por que Ichabod Crane ficou com medo durante o trajeto de volta à casa de Hans Van Ripper? Que elementos contribuíram para seu pavor? Havia uma árvore no caminho que causava terror. Como ela era chamada? Como era essa árvore, seu tronco e galhos?
- 14) Quando o professor do Vale Adormecido se aproximou da árvore, começou a assobiar e achou que o assobio tivesse sido respondido. Você acha que ele teve seu assobio respondido ou foi só o barulho do vento? Se o assobio foi respondido, quem o fez?
- 15) Como foi o encontro entre Ichabod Crane e o Cavaleiro sem Cabeça? Faça uma pequena encenação do capítulo 4 do livro em grupos de quatro (dois cavalos e os dois personagens, Ichabod Crane e o Cavaleiro sem Cabeça). Juntos, preparem o cenário usando papel, jornal velho e outros materiais reciclados. Outros colegas também podem se juntar ao grupo para fazer a sonoplastia e a iluminação da cena, se vocês quiserem.





- 16) Na sua opinião, Ichabod Crane encontrou-se mesmo com o Cavaleiro sem Cabeça? Por que foi encontrada uma abóbora despedaçada ao lado de seu chapéu, no dia seguinte? De onde ela surgiu?
- 17) “Nunca achei que saber ler e escrever pudesse fazer bem a alguém”, disse o fazendeiro Hans Van Ripper. O que você acha dessa afirmação? De que maneira o fato de os moradores do Vale Adormecido acharem o estudo algo supérfluo contribuía para que o local continuasse a ser “adormecido”?
- 18) O Vale Adormecido era cheio de riachos, que cruzavam plantações, passavam sob pontes e colinas. Faça uma relação dos lugares onde havia riachos no livro. Na sua opinião, o que as águas de um riacho simbolizam? Para onde elas vão? O que elas carregam? Que paralelo pode ser feito entre o *Povo do Vale Adormecido*, com todas as suas superstições e costumes, e as águas correntes que passavam por aquela região?
- 19) Muitos na cidade acreditavam que Brom Brunt sabia mais sobre o desaparecimento do professor do que ele queria dizer. Por que achavam isso? E você, o que acha?
- 20) Quem era o narrador da história? De que maneira ele ficou sabendo do que se passou com Ichabod Crane? Você acredita na Lenda do Cavaleiro sem Cabeça? Cite passagens do texto para justificar sua resposta.

A LENDA DO CAVALEIRO SEM CABEÇA

Washington Irving

BIOGRAFIA DO AUTOR

Washington Irving nasceu na cidade de Nova York em 1783. Quando jovem, frequentou a faculdade de Direito, mas aos vinte e um anos teve que deixar o curso devido a problemas de saúde, por isso foi viajar para a Europa por alguns anos e manteve um gosto intenso pela leitura.

Ao voltar para os Estados Unidos, Irving retomou os seus estudos, mas já não pensava em se tornar um advogado, tinha planos de ser um escritor. Seu primeiro sucesso literário foi *Salmagundi* publicado entre 1807 e 1808 na imprensa da época. Em *Salmagundi*, Irving se referia à cidade de Nova York como Gotham. Anos depois os escritores das histórias em quadrinhos do Batman iriam retomar essa referência. Em 1809, Irving publicou *Uma história de Nova York*, textos muito bem recebidos pelos leitores do início do século XIX.

Em 1815 Irving voltou a morar na Europa e permaneceu no continente por dezessete anos. Lá fez amizade com outros escritores, especialmente Walter Scott. Os anos europeus ensinaram muito para Irving, que cresceu na técnica da escrita, sem deixar de ser um escritor capaz de retratar aspectos da vida norte-americana.

Rip van Winkle foi publicado em 1819 e é hoje um texto muito conhecido nos Estados Unidos. Por causa dessa história clássica, o nome Rip van Winkle virou um sinônimo para uma pessoa desatualizada, alienada dos fatos da sociedade. Já surgiram várias adaptações para o cinema, televisão e quadrinhos.

Este livro, em português chamado de *A lenda do Cavaleiro sem Cabeça* (*The Legend of Sleepy Hollow* — na tradução literal: *A Lenda do Vale Adormecido*), foi publicado junto com *Rip Van Winkle*, na mesma coletânea, e está entre os textos da literatura americana mais lidos ainda nos dias de hoje.

Em 1999, *A lenda do Cavaleiro sem Cabeça* foi adaptada para o cinema americano, com direção de Tim Burton, estrelado pelos famosos atores de

A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça



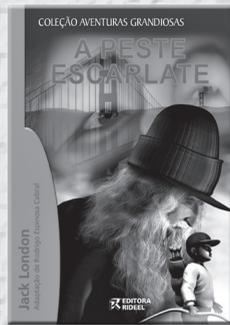
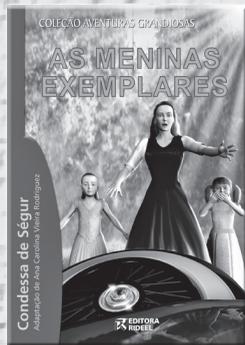
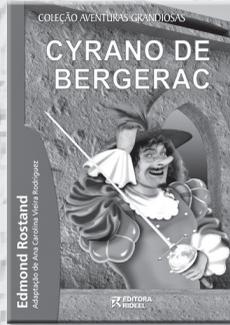
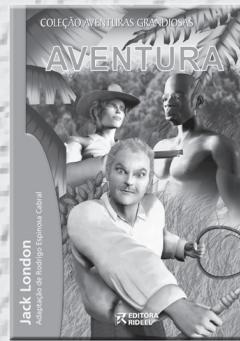
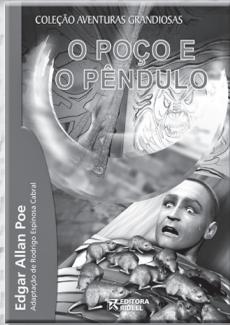
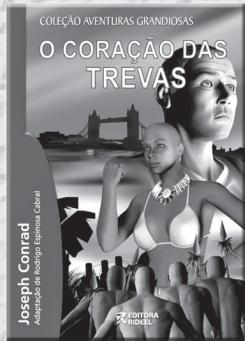


Hollywood Johnny Depp e Christina Ricci. Embora o enredo seja bastante diferente do de Washington Irving, o filme de terror foi bem recebido pela crítica e ganhou o Oscar de Melhor Direção de Arte.

Washington Irving publicou vários livros e, ao voltar para Nova York, comprou uma propriedade perto do rio Hudson, continuando a escrever e se tornando um autor muito querido dos estadunidenses até morrer em 1859, quando tinha acabado de concluir seu último livro, *A vida de George Washington*.

COLEÇÃO AVENTURAS GRANDIOSAS

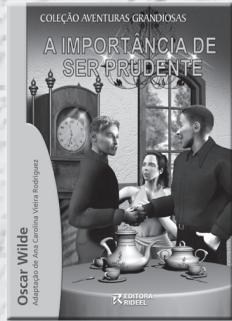
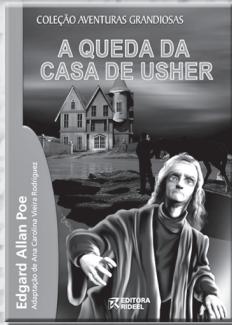
Série 7



 **EDITORA RIDEEL**

COLEÇÃO AVENTURAS GRANDIOSAS

Série 6



**EDITORIA
RIDEEL**